



LA FONTAINE (2002).
Fábulas. 4ª ed. Porto:
Ambar (1ª edição-1995) (Ilustrações: António Modesto)

«De nada vale correr; há que partir na hora.»
(«A Lebre e a Tartaruga», La Fontaine)

Género narrativo associado a um certo didactismo, a fábula representa quase sempre um juízo de feição moral, religiosa, estética ou filosófica, parecendo impor-se simultaneamente pela sua tonalidade cômica, satírica ou, até mesmo, mordaz, e pela sua potencial projecção educativa (Francia, 1992).

Prova dessa conotação formativa associada à fábula, julgamos ser a reedição, pela Ambar, de uma selecção das «suculentas» (Torrado, 1996) *Fábulas* de La Fontaine, textos “antigos”, mas cuja mensagem é, não raras vezes, encarada como atemporal, uma publicação que, aliás, não é caso único nosso país. Note-se que, conforme menciona J. A. Gomes, foi em 1886, que surgiu, em Portugal, «uma edição em português das *Fábulas* de La Fontaine, impressa em Paris, com as conhecidas ilustrações de Gustave Doré e estudos críticos de Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Teófilo Braga. Nos dois volumes que as constituem, surgem, como autores das versões, Bocage, Couto Guerreiro, Filinto, Curvo Semedo, Costa e Silva e outros escritores portugueses e brasileiros» (Gomes, 1997: 12).

Ilustradas, com traços e formas de dimensões consideráveis, por António Modesto, as vinte fábulas coligidas na obra em análise são predominantemente protagonizadas por animais, seres antropomorfizados, pequenos ou grandes, da terra, do ar ou da água, domésticos ou selvagens, que denunciam veladamente os defeitos humanos. As personagens que povoam estas «short-short-stories» (Torrado, 1996) são sempre símbolos (por exemplo, na célebre fábula do Corvo e da Raposa, enquanto o primeiro representa a ingenuidade e a vaidade, a segunda representa a astúcia ou a manha).

Apropriando-nos das palavras de António Torrado, não faltam, portanto, recados nestes textos (Torrado, 1996: 6). Mas em que direcção são, então, lançadas indirectamente essas advertências? As fábulas de La Fontaine colocam em cena, como sugerimos,

animais de *habitats* diversos, que dialogam e que, geralmente, manifestam comportamentos antagónicos ou incompatíveis. Assim, partindo de situações como a do Cão e do Lobo ou do «Cavalo que queria vingar-se do Veado» elogiam-se os espíritos livres; recorrendo às histórias das «Rãs que queriam um Rei», da «Tartaruga e dos dois Patos» ou da «Rã que queria igualar-se ao Boi» condenam-se os que se encontram permanentemente insatisfeitos com a sua condição; a falta de gratidão encontra-se, também, criticada na fábula «O Lobo e a Cegonha»; fábulas como «A Raposa e a Cegonha» tocam a questão da vingança impiedosa; em «O Leão e o Rato», por exemplo, elogia-se a paciência em detrimento da força excessiva.

Em muitos casos, o próprio sujeito de enunciação, no momento de fechar a fábula, explicita os defeitos que pretende satirizar nesse texto. Releia-se, por exemplo, a conclusão de «A Tartaruga e os dois Patos»: «A indiscrição foi de sua perda a causa. / Imprudência, baboseira e tola vaidade, / e vã curiosidade, / todas têm estreita parentagem, / todas são filhas da mesma linhagem.» Em «A Lebre e a Tartaruga», por exemplo, o ensinamento moral abre a história, desempenhando uma função próxima da de um mote: «De nada vale correr, há que partir na hora.». Noutros textos, observamos uma invocação muito directa das figuras humanas que se pretende criticar. É o que acontece em «A Cobra e a Lima» - «Isto é para vós, espíritos de última ordem, que, não valendo nada, tentais morder.» - ou, ainda, a apóstrofe «Tratantes, é para vós que escrevo: não perdereis pela demora», em «A Raposa e a Cegonha».

Tocando, assim, temáticas como o egoísmo, o individualismo, a gula, a diferença entre o ser e o parecer, a importância da paciência ou o espírito de vingança, estas fábulas, sendo exemplares do ponto de vista do discurso literário a partir do qual se constroem, encontram-se frequentemente marcadas por uma evidente actualidade.

Na verdade, e recorrendo, mais uma vez, à opinião de António Torrado, talvez as Fábulas de La Fontaine tivessem tido a «existência efemérea que o tempo reserva aos comentaristas da cena política, não se desse o caso de serem estilisticamente primorosas, dotadas de uma flexibilidade poética, narrativa e dialogal...» (ibid.: 8).

Bibliografia

- FRANCIA, Alfonso (1992). *Educar con Fabulas*. 2ª ed. Madrid: Editorial CCS.
- GOMES, José António (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: MC-Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.
- TORRADO, António (1996). «As Fábulas». In *Conto e Reconto. As Fábulas*. Boletim Cultural – Fundação Calouste Gulbenkian VIII Série Nº 2, 6-8.

